



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9273 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO, AUTORIA E RESISTÊNCIA: A ESCUTA DE PROFESSORAS NO TEMPO-ESPAÇO DA PANDEMIA DA COVID-19

Renata Helena Pin Pucci - UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

Luciana Haddad Ferreira - UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

FORMAÇÃO, AUTORIA E RESISTÊNCIA: A ESCUTA DE PROFESSORAS NO TEMPO-ESPAÇO DA PANDEMIA DA COVID-19

Resumo: Esta investigação se situa no campo da formação docente, tomando como principal objeto as narrativas de professoras, produzidas no contexto de isolamento provocado pela pandemia da Covid-19. Nosso objetivo é analisar, em uma perspectiva enunciativo-discursiva, como as relações dialógico-formativas são (re)significadas pelas professoras, por meio da escrita de narrativas. Tomamos, como fonte de dados, os textos que circulam em redes sociais, especificamente em um grupo criado por/para docentes, com a finalidade de dar visibilidade a narrativas pedagógicas. Referenciamos-nos em conceitos de Bakhtin para a realização das análises, em diálogo com pressupostos da formação de professoras. A discussão dos resultados aponta para reflexões concernentes à escuta das professoras, às relações dialógico-formativas e aos movimentos de significação e ressignificação da docência no tempo-espaço da pandemia. Indicam, sobretudo, a busca por diálogo e a possibilidade de se desenvolver um modelo formativo colaborativo, mesmo que sustentado por plataformas virtuais. Concluímos que as professoras fazem uso da escrita narrativa como recurso formativo, forma de resistência e autoria profissional, relatando, a partir das relações alteritárias que as constituem, ausências e presenças, possibilidades e dificuldades vivenciadas neste momento.

Palavras-chave: Narrativas; Formação de Professores; Covid-19.

Nesse tempo que estamos vivendo tenho levado a mesma vida estranha de tantos outros professores, me desdobrando no volume enorme de trabalho (se já era fato que levávamos trabalho para casa, agora mais do que nunca a casa se transformou em um pedaço da sala de aula) e tentando lidar com emoções que dele decorrem. Percebo que fui colocada numa espécie de fábrica escolar: metas, produtos, linhas de montagem. Editar as aulas remotas, assistir tutoriais, ajustar a luz, rever o emprego de palavras, fazer atividades online, corrigir tudo, lançar no portal, começar tudo de novo. Reina o argumento de que o esforço é para que meus alunos não sofram ainda mais, não percam ainda mais. Tenho para mim que é apenas um outro jeito de dizer que não podemos parar de produzir. A despeito disso, sinto um pouco de alegria por me ver e reconhecer tantos profissionais

guerreiros, prontos a aprender e apreender no uso de ferramentas multimodais e multissemióticas que sim, podem aproximar daquele outro que nos constitui e que somos constituídos. **Narrativa de Luísa**[\[1\]](#)

No mês de março de 2020, as instituições de ensino do Brasil suspenderam suas atividades presenciais, respeitando as recomendações sanitárias de contenção da pandemia da Covid-19. A atitude evidenciou que, para os educadores, é indiscutível que a preservação da vida se sobrepõe ao desejo de convivência no espaço físico das escolas. Compreendendo que o isolamento não prescindiria da presença e interlocução das professoras na vida das crianças, adolescentes e jovens, convencionou-se, na maior parte das escolas brasileiras, o oferecimento do ensino remoto, em diversos formatos. Contudo, a nova dinâmica acarretou mudanças profundas na realização e significação do trabalho docente.

Sabemos que a oferta de atividades a distância exige debate muito mais amplo do que a eficiência/validade dos recursos tecnológicos interativos digitais na atualidade. Entendemos que as iniciativas pensadas se apoiam, em grande proporção, em aulas fragmentadas, desconexas e alicerçadas na reprodução de exercícios pouco significativos, por meio de instruções pontuais. Neste cenário, a atuação pedagógica parece ter sido reduzida à repetição dos comandos que lhes foram dirigidos. Assim, observamos que o fazer docente se afasta do artesanal para assumir características mecanizadas (PARO, 2018), à professora, cabe (co)responder, obedecer, (re)passar a matéria. A constatação dessa realidade nos causa incômodo ainda maior no contexto pandêmico em que vivemos, por percebermos que as investidas que destituem o domínio dos processos e a autonomia intelectual das trabalhadoras da educação são bastante enfáticas.

No que tange à formação docente, vemos o mesmo padrão se repetir: uma crescente oferta de iniciativas superficiais, como tutoriais, lives, mentorias e manuais, reforçando a ideia errônea de que as docentes precisariam de soluções prontas, uma espécie de atualização para que se tornem mais eficientes na tarefa de ensinar. Se a quantidade de mercadorias oferecidas às professoras é grande, podemos questionar sua qualidade e, sobretudo, seus objetivos.

A formação de professores é temática de discussão há tempos, sem nunca ter sido esgotada. Como bem apontam Gatti et al. (2019), ao mesmo tempo em que parece haver concordância em relação à urgência de se pensar a profissão aliada a fortes – e diversificadas – estratégias formativas, percebemos que são poucas as iniciativas que consideram as docentes como sujeitas do próprio processo de aprendizagem.

Dentre tantas iniciativas prescritivas que desvalorizam os saberes docentes e desqualificam a palavra da professora, percebemos que justamente quando a troca entre pares, o aprofundamento teórico e o diálogo se fazem mais necessários como estratégia de formação e orientação do trabalho pedagógico, tais iniciativas foram significativamente diminuídas e desencorajadas. No entanto, sabemos que não foram totalmente suprimidas. Mesmo sem espaços e tempos propícios, observamos que há insistência de muitas profissionais na busca por coletivos que se apoiem e possibilitem momentos de discussão entre pares, nos quais o diálogo e a troca de experiências aconteça. Entendemos que a escuta e a legitimação do conhecimento produzido nestas iniciativas são gestos políticos que reafirmam nossa crença na formação permanente que alia saberes e fazeres e estreita relações entre o conhecimento acadêmico e cotidiano.

Como recorte de uma temática que sabemos ser bastante ampla, perguntamo-nos: num momento e contexto em que as professoras estão impossibilitadas da convivência física diária

e das trocas entre pares, que geralmente acontecem no chão da escola, pode a escrita narrativa se consolidar como instrumento dialógico de formação? Neste sentido, o objetivo do trabalho é analisar, em uma perspectiva enunciativo-discursiva, como as relações dialógico-formativas são (re)significadas pelas professoras, por meio da escrita de narrativas.

Propomos reflexões fundamentadas em princípios desenvolvidos por Bakhtin para a análise enunciativo-discursiva, autor que compreende o enunciado como a unidade da comunicação discursiva. Para Bakhtin (2006, p.274), “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Nessa análise, compreende-se que as professoras que narram são constituídas no meio social, pela linguagem. Seu discurso é histórico, social e ideológico, por isso, reflete e refrata sua realidade.

Dos estudos bakhtinianos, aproximamos o conceito de cronotopo para nosso tempo-espaço, estabelecendo um modo de olhar para o momento atual, uma vez que, para o autor, dos cronotopos reais se representam e se originam os cronotopos representados nos textos (BAKHTIN, 2018), nos enunciados. Voltamo-nos para as narrativas das professoras com a nossa compreensão ativo-responsiva, em um processo próximo ao que Bakhtin destacou sobre a relação do leitor com a obra, do mundo representado na obra e do mundo real, em que uma instância participa da outra, enriquecem-se e renovam-se, em um processo de troca cronotópico.

Dialogamos, ainda, com os pressupostos da formação de professoras através da escrita narrativa. A escolha pela análise dos registros narrativos se dá por considerarmos a escrita narrativa como prática formativa coerente com os princípios já discutidos por nós em estudos anteriores (Autor(a) 2020). Além disso, a narrativa é uma forma de registro comum a muitas professoras, que preserva características da feitura artesanal, revela leituras críticas da realidade e deixa transparecer o que não é prescrito. A escrita apresentada nestes textos exige certa composição que apenas quem vive o cotidiano escolar é capaz de realizar. Ao traduzir as dificuldades, enfrentamentos e surpresas da docência, as professoras também se posicionam em relação ao que vivemos.

Considerando que as redes sociais, ambientes já familiares a muitos, poderiam funcionar como ferramenta ou suporte para o compartilhamento de informações entre grupos de docentes, passamos a buscar e coletar textos narrativos em páginas públicas e de acesso livre. Dentre as iniciativas encontradas, neste estudo, visamos analisar narrativas da docência no contexto pandêmico, que foram produzidas e circularam nos ambientes virtuais criados por pares e com o objetivo de manter espaços de diálogo e formação durante o período de isolamento social. Temos como material empírico os registros reflexivos de professoras, de diferentes realidades, localidades e níveis de ensino, obtidos em bases eletrônicas do Instagram e Facebook, no perfil público @narre_se . Essa escolha se justifica por ser, dentre as encontradas, a página de maior abrangência, com maior número de textos publicados e criada com a finalidade de fomentar a escrita de narrativas pedagógicas.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa [2] e autorização expressa de todas as autoras dos textos, realizamos um inventário do material produzido e postado na página. A comunidade instituída, de professoras de diferentes localidades do Brasil e representativas de todos os níveis de ensino, teve acesso a 89 textos publicados no período de março de 2020 a fevereiro de 2021, momento em que realizamos o recorte inicial de textos para compor a pesquisa.

Para este estudo, foram consideradas as 67 narrativas publicadas no período de março a agosto de 2020. Este recorte temporal se fez necessário para compreendermos o que as professoras narravam sobre a sua própria formação logo no primeiro semestre de suspensão

das atividades presenciais. Seleccionamos apenas as narrativas que retratavam a formação docente no contexto da pandemia. Como critérios, elencamos aspectos da escrita ligados à busca por diálogo, momentos de reflexão sobre a prática, criação de estratégias e iniciativas de apropriação teórica por parte das professoras. Neste esteio, dez narrativas compuseram o material analisado.

Trazemos, intencionalmente, a palavra das professoras desde o início da escrita deste texto, compondo nossa tessitura e em diálogo com as ideias desenvolvidas. Essa escolha se justifica por buscarmos coerência com as próprias bases teóricas e princípios aqui defendidos: não queremos falar sobre as professoras, mas com elas. É a partir de suas palavras que elaboramos nossas contrapalavras, uma vez que este estudo apenas se viabiliza na relação alteritária com a palavra do outro, em nosso caso, das outras – as professoras que narram.

Ao realizar a discussão das narrativas selecionadas, aproximamo-nos da representação das professoras, em suas narrativas, que constitui um tempo-espço próprio. Interagimos e atribuímos sentidos, dentro deste período histórico que compartilhamos, ou seja, dentro de um cronotopo maior, “que tudo abrange”: neste momento, o tempo-espço da pandemia da Covid-19, vivenciada num país que também atravessa uma crise política e econômica sem precedentes. Buscamos compreender como elaboram o que é vivido coletivamente, se fazem uso da escrita para instituir momentos de reflexão e troca, pela partilha de suas percepções, estratégias e leituras da realidade vivida. Tomamos a escrita pedagógica compartilhada não apenas como fragmento da subjetividade das professoras, mas, principalmente, como registro marcado pelas formas de ser e pensar a profissão no cronotopo que partilhamos.

As professoras narradoras nos ensinam importantes lições acerca do período que estamos vivenciando, de formação permanente e compartilhada mesmo no ambiente remoto, de fortalecimento do coletivo para o enfrentamento da pandemia e do isolamento social. Neste esteio, destacamos movimentos nos enunciados das professoras que dialogam com o ser professora que é forjado nas relações alteritárias, ou dialógico-formativas, no contexto de seu fazer, com alunos, pais de alunos, colegas de trabalho, interlocutores. No primeiro momento, compreendemos que as professoras significam as relações na ausência, na “falta” dos modos de ser e fazer conhecidos, uma vez que tinham seu lugar de constituição significados na presença. Em um segundo momento, observamos a ressignificação dessas relações em outro lugar, estranho, duro, mas com possibilidades instauradas para a docência.

Como estava sendo difícil escrever, e por estar sendo tão difícil, eu precisava fazê-lo. Acho que entrei em stand-by desde o dia em que ouvi as palavras pandemia, isolamento social e quarentena. O que significava de fato? Quanto tempo duraria? O que ficaria depois? É, não obtive as respostas de pronto, e não as tenho até hoje. Acho que não sou mais professora de bebês, tenho a sensação que a coisa se perdeu inteirinha no meio do caminho. [...] Mas hoje quero pensar nas coisas que devolvem a minha humanidade e descubro que ser professora de crianças pequenas é uma delas. Que eu nunca mais esqueça de buscar na minha escrita um refúgio. Que eu nunca mais perca a autoria da minha história e das histórias de tantas outras vidas que passaram pelo chão que hoje finco. **Narrativa de Mariana**

Sinalizamos que as professoras fazem uso da escrita narrativa como forma de resistência e autoria profissional, relatando, a partir das relações dialógico-formativas que as constituem, as ausências e presenças, possibilidades e dificuldades vivenciadas neste momento. As professoras denunciam que têm muito a dizer, mas pouco são ouvidas. Elas narram as ausências sentidas, apontam para as muitas dificuldades de exercer seu papel no contexto pandêmico. Também demonstram uma enorme força de trabalho e notória

sensibilidade para tornar viáveis as relações educativas, mesmo a distância.

A escrita narrativa, tal como desenvolvida pelas professoras com as quais dialogamos nesse texto, torna possível a existência de uma outra forma de trabalho, compartilhado e emancipatório, que não é nova, pois há muito é anunciada e vivenciada por pesquisadores, mas que ainda é pouco desenvolvida no contexto da Educação Básica em nosso país. Suas histórias precisam ser consideradas, encorajadas e destacadas.

Referências

AUTOR(A) 2020.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance II**: As formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: Editora 34, 2018.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S.; ANDRÉ, M. E.; ALMEIDA, P. C. **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, 2019.

PARO, V. H. **Professor**: artesão ou operário? São Paulo: Cortez, 2018.

[1] Nomes fictícios para proteção da identidade.

[2] Parecer CEP/CONEP nº. XX